

# Razões e emoções de um título emérito: tempo e representações sociais

Maria Stela Grossi Porto

Professora titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília (DF), Brasil, agraciada, em fevereiro de 2017, pelo Conselho Universitário da Universidade de Brasília, com o título de professora emérita. <mariastela.grossiporto@gmail.com>.

**O**s sentimentos que ora me dominam agigantam-se em mistura um tanto incontrolada de razões e emoções. As razões, por vício de ofício são – espero que sejam – sociológicas. As emoções evocam, como diria o poeta, o sentimento do mundo. Uma honraria como esta impõe reflexões. Que legado espero deixar? O que fica?

Em 30 de setembro de 2016, assistimos aqui à cerimônia de outorga do título de professor emérito a Sérgio Dayrell Porto, meu marido. Cerimônia linda! Calor humano, sensibilidade, afetos, lembranças e emoções misturadas ao vigor científico e à profundidade teórica, deram o tom da fala de Sérgio, em um clima que contagiou a todos. Sinto-me feliz, podendo agora compartilhar com ele, mais esta parceria. Parcerias são, em geral, escolhas. Esta, no entanto, é de natureza diferente, pois não tendo sido por nós planejada, deixa-nos imensamente felizes.

Minhas palavras primeiras são de agradecimento, inicialmente a meus colegas do Departamento de Sociologia que disseram sim à ideia levada ao colegiado pelo prof. e amigo Carlos Benedito Martins. Em nossa profissão, poucos sentimentos são tão capazes de preencher o coração e enchê-lo de alegria quanto aquele trazido pelo reconhecimento – merecido ou não. Não vou compartilhar com vocês esta indagação que vai povoar minhas dúvidas e incertezas no recolhimento do silêncio que anima e aviva reflexões. Aceito, com humildade e alegria intensa, o fato que, como soube, estava sendo arquitetado desde o ano anterior.

Minha escolha pela sociologia foi fruto de uma decisão ainda adolescente. A ida para a universidade, entretanto, foi resultado de disputa intensa, já que meu pai, guiado pelo tradicional como norma de conduta, não via sentido em que suas filhas fizessem universidade e, menos ainda, sociologia, coisa de comunista, como era a reputação da disciplina à época. A disputa foi vencida graças ao auxílio incondicional de minha mãe e a muita negociação. Ela foi até mesmo pedir apoio ao bispo de Belo Horizonte.

Ao descobrir a sociologia aos 17 anos, descobri também a vontade e a determinação de ser socióloga. Aliás, tempos depois, meus filhos, também eles adolescen-

tes, vendo-me às voltas com livros e preparação de aulas, diziam: é só do que ela entende – Marx, Durkheim e Weber. Mal sabiam eles que de Marx, Durkheim e Weber, e de outros tantos, clássicos e contemporâneos, dentro e fora do Brasil, eu tinha, e tenho ainda, muito a aprender. Agora, mais recentemente a filha, Daniela, vendo na TV qualquer coisa que se relacione à violência, corre a me chamar: mãe, mãe, vem ver! É violência, você gosta, você gosta. Assim, os filhos e a filha captaram, cada um a seu modo, meus grandes interesses acadêmicos: o gosto e o apelo em caráter necessário pela teoria e a imersão neste artesanato intelectual que é a pesquisa, teoria em ato, que, no que me toca, tem se voltado nos últimos 20 anos ou mais à análise do fenômeno da violência.

Comento esses fatos para dizer que meus filhos, de algum modo, vislumbraram minha vocação. Nunca quis ser ou fazer outra coisa, nenhum outro impulso me moveu. Orgulho-me de dizer que a sociologia é para mim uma vocação, o que, convém lembrar, é um privilégio e um luxo. Neste nosso mundo desigual, nem todas as pessoas tiveram e tem condições de realizar suas vocações. A vocação pela sociologia tem no entanto seu lado difícil, pois não permite concessões. Nosso horizonte possível é a busca pela verdade, por mais difícil e inalcançável que ela possa parecer. Compreender e explicar o mundo social, tarefa a que se impôs a sociologia nascente há dois séculos, faz sentido ainda hoje. No entanto, os desafios são enormes, basta que se olhe o mundo que nos envolve no qual se convive, ao lado das conquistas, com perturbações, mal-estar e com o acirramento de desigualdades e desequilíbrios sociais os mais diversos. Que se constate o surgimento e ressurgimento de fundamentalismos religiosos, políticos, éticos e mesmo estéticos, inviabilizando vidas ao redor do planeta e o recurso frequente e cruel à violência; que se entreveja a miséria moral e a ausência de sentido, para muitos a tônica da contemporaneidade, o que se tem diante dos olhos são fenômenos que estão a desafiar e interpelar a sociologia, apontando paradoxos.

Ao refletir a partir desses paradoxos e dos desafios de um panorama social diverso e multifacetado, sinto-me agraciada pelos deuses por viver minha prática acadêmica e institucional neste espaço da sociologia da UnB, que me oferece as condições para o exercício profissional, o qual, na forma como o entendo, significa viver e conviver com diferenças de paradigmas, de enfoques e de abordagens teórico-metodológicos. Fundamental é estarmos guiados, todas e todos, pela busca de uma sociologia competente que, não sendo utilitarista no sentido de servir a uma causa, não abre mão de sua utilidade social, sendo tão mais relevante quanto mais próxima está do rigor científico. Sempre me senti acolhida na sociologia da UnB. Nunca me canso de afirmar que não é qualquer departamento que pode se dar ao luxo de ter o SOL como sigla, de ser o SOL e, portanto, de brilhar. Exagero? Não creio. De qualquer modo, desculpem-me, é o efeito-emoção do momento.

Agradeço ao SOL por meio de sua chefe, a professora e amiga Lourdes Maria Bandeira; ao Instituto de Ciências Sociais, na pessoa de seu diretor, amigo e antigo colega dos bancos da graduação, o professor Luís Roberto Cardoso de Oliveira. Sou grata ainda à Universidade de Brasília, à reitora e presidente do Consuni, professora Márcia Abraão Moura, por terem compartilhado com meus colegas do SOL e do ICS a atribuição desta honraria, alegria inscrita indelevelmente no fundo do peito. Alegria similar senti durante os dois anos em que fui presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), sendo, por sinal, a primeira mulher a ocupar tão importante cargo. Aos antigos e aos novos colegas, que comigo partilham as dores, a paixão e a alegria de fazer sociologia, minha gratidão. Com todas e todos vocês aprendi e aprendo muito.

Pela importância que tiveram no Departamento de Sociologia, por sua contribuição científica e acadêmica, deixo neste momento minhas homenagens e as saudades, ainda muito vivas, a três colegas e amigos que até há pouco estiveram conosco: Roberto Moreira, Brasilmar Nunes e João Gabriel Teixeira. Eles fazem muita falta, assim como meu inesquecível mestre, aqui e nas Minas Gerais, Fernando Correa Dias.

Sem desfazer do novo prédio do ICS, uma bela conquista, trago recordações e momentos inesquecíveis do Minhocão, com suas indescritíveis catacumbas. Ali iniciei-me na prática da pesquisa, no trabalho de construção institucional e na docência, atividades que definem e dão sentido à vida universitária. Por aqueles corredores do Minhocão norte, já fui marxista, durkheimiana ou weberiana, ao sabor das leituras que de mim faziam os alunos de meus incontáveis cursos de teoria sociológica. Naqueles idos, a maioria chegava do segundo grau com forte preconceito favorável em relação a Marx, desfavorável no que tocava a Durkheim e um desconhecimento quase total sobre Weber, autor então pouco lido e pouco conhecido. Desfazer estes mal-entendidos foi parte de um labor constante. Esforcei-me por demonstrar que, são clássicos, cada um a seu modo, não por serem eternos e intocáveis, mas por serem atuais. Destes tempos, lembro-me, aliás com bastante humor, quando meu filho mais velho, Sérgio, geólogo e economista pela UnB, estando à espera de uma xérox nas imediações do ceubinho, assustou-se com o título do texto que uma aluna à sua frente solicitara para xerocar: “Iluminismo e desespero”. Não resistindo, perguntou à aluna: que pessoa maluca mandou ler tal texto? A resposta veio rápida: professora Maria Stela, da sociologia.

Gostaria, então, de dirigir-me agora a meus queridos alunos das salas de aula, da orientação e da pesquisa, muitos, ainda hoje, compartilhando comigo a vida universitária, como alunos ou já docentes e pesquisadores: vocês foram e serão, sempre, fonte de inspiração e aprendizado. Meus agradecimentos igualmente aos queridos

funcionários, atores fundamentais para que o lado bom e necessário das rotinas se desenvolva com competência.

Trago à memória, neste momento, a reflexão sobre o tempo, com a qual iniciei, em 2011, o memorial preparado para candidatar-me ao cargo de professora titular. O que valia àquela época faz ainda mais sentido hoje: nosso estar no mundo é uma negociação com e contra o tempo. Um tempo pretérito que, ao ser recuperado, exige e cobra uma espécie de prestação de contas: o que foi feito, como foi feito, que validade tem, e um tempo que é demanda por futuro. Futuro que se revela sempre menor do gostaríamos que fosse. O que está por fazer é sempre maior do que o tempo que o tempo pode nos conceder, daí a sabedoria dos versos do poeta: “...tempo, tempo, tempo, ... entro num acordo contigo”, uma das músicas escolhidas para esta tarde. O tempo, dizia então, não pode ser enfrentado de peito aberto, exige acordo que, na forma como o concebo, é um pacto com a contemporaneidade. Nada melhor, me parece, para definir o sentido preciso da sociologia, disciplina que necessita voltar-se para a atualidade, comprometida com sua compreensão e com o profundo sentido do presente, do aqui e do agora, um presente que se sabe, no entanto, cativo do passado e do futuro. Entre o que fiz e o que farei está o meu ser aqui e agora, meu ser neste mundo, parte desta contemporaneidade.

Voltando ao que fiz, lembro-me de que foi nos idos de 1998 que me surgiram as inquietações voltadas à temática da violência, tema ao qual cheguei pela sociologia rural, linha de pesquisa sob a liderança da professora Vilma Figueiredo e à qual me dediquei por mais de dez anos. Para a docência e a pesquisa preparei-me durante quatro invernos, que era como contávamos, Sérgio e eu, o tempo em Montreal, cidade onde realizei mestrado e doutorado. Experiência nova, e ousaria dizer, um tanto corajoso este *séjour* canadense, com quatro crianças em um tempo em que do Canadá os brasileiros apenas conheciam, por ouvir falar, a polícia montada e os ursos brancos. Para nos apresentar então o país, os folhetos informativos da Universidade de Montreal diziam: “engana-se quem pensa que morar aqui é como morar em uma geladeira, não é; é como viver no freezer”. O Canadá, continuavam, tem duas estações: o inverno e o mês de julho. Daí seu poeta maior dizer com emoção: “*mon pays ce n’est pas un pays, c’est l’hiver; mon chemin, ce n’est pas un chemin, c’est la neige*”. Do período aí vivenciado e das neves pisadas, com todo o estranhamento cultural e climático, a família trouxe em sua bagagem as melhores recordações, tanto da perspectiva intelectual quanto da existencial. Saudades de meu orientador, professor Mohamed Sfia, um tunisiano com quem dividia as questões rurais e de desenvolvimento do nosso mundo globalizado.

De volta ao Brasil e já na UnB, ainda na sociologia rural, fui aos poucos interessando-me pelos fatos da violência. Incomodava-me o caráter apenas denunciativo com o qual alguns sociólogos enfrentaram a violência no campo e seu acirramento. Se a denúncia pode ser um recurso válido para o cidadão, para a ciência ela é insuficiente. É mister ir-se adiante. Com esta perspectiva, e beneficiando-me de um ano sabático em Paris – período difícil, marcado por intensos conflitos sociais com bombas e greves sem fim em pleno inverno –, mergulhei a fundo na busca por uma sociologia da violência como área de conhecimento, suas possibilidades e limites, teóricos e empíricos. Ali descobri grande afinidade teórica com o professor Michel Wieviorka, judeu polonês, estudioso da violência, do terrorismo e das migrações, que priorizando o sujeito em sua condição de ator, realça seu potencial explicativo para as ciências sociais, concepção que de modo mais indireto do que direto guarda afinidades com a perspectiva que inspira minhas reflexões centradas nas representações sociais.

Ao retornar ao SOL, ofereci um primeiro curso sobre a temática da violência, acompanhado de uma grande pesquisa, o que abriu um campo novo de atuação no departamento e deu início a uma linha de pesquisa, hoje muito ativa com vários colegas atuantes, no Núcleo de Estudos sobre Violência e Segurança (Nevis), assim como no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher (Nepem). Desde então, não mais abandonei esta busca. A coordenação regional do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Democracia, Violência e Segurança Cidadã, sob a coordenação nacional do professor Sérgio Adorno, da USP, revelou-se momento impar para o aprofundamento de minhas reflexões. O desafio teórico era a definição da violência, fenômeno empírico e mutante, já que plural, polissêmico e referido a valores e à cultura. O desafio metodológico passava pela seleção do solo epistemológico pertinente à condução da pesquisa. Não tenho ainda respostas a todas as minhas indagações teóricas, mas também não vou às cegas. Pertencimentos, identificações, oposições e filiações teórico-metodológicas vão tecendo suas tramas em direção ao processo que de alguma forma tem sido responsável pela construção de minha identidade intelectual.

Convencida deste caráter empírico da sociologia, querendo compreender desdobramentos do fenômeno da violência e almejando avançar em direção a uma sociologia da ação, dediquei-me a buscar determinações causais e desdobramentos para manifestações do fenômeno. Persegui uma perspectiva teórica que, sem desconsiderar o contexto, o caráter objetivo da realidade, atribui, todavia, protagonismo ao ator e à subjetividade. Vou a Weber, mas chegando também às representações sociais, teorias práticas do senso comum, como ensinam o romeno Serge Moscovici e a francesa Denise Jodelet; blocos de sentido presentes no conteúdo dos discursos de sujeitos – individuais ou coletivos –, que, submetidos ao crivo da ciência, tornam-

-se dispositivo metodológico para a compreensão da realidade. Este é o caminho que tenho trilhado.

Ao discorrer sobre esta trajetória acadêmica, afloram outra vez as emoções que me trazem, agora, ao conforto do doméstico, da casa, do aconchego. Essa perspectiva das representações sociais leva-me à proximidade com a hermenêutica, ponto em comum com o que faz Sérgio, meu marido. Somos adeptos, por caminhos distintos, da busca por compreensão. Ele busca a ajuda de Hermes, o deus do Olimpo, que por não ter braços, indicava os caminhos nas encruzilhadas. Eu persigo, mais obstinadamente, a chave destes caminhos pela trilha da compreensão explicativa. Em ambas as perspectivas, há a valorização do sujeito histórico, transformando fatos em acontecimentos, ambos sujeitos à compreensão e à explicação de uma realidade igualmente histórica. Partilhar algo em termos acadêmicos é o coroamento desta parceria amorosa, que se mantém há 53 anos.

Em casa, como dizem meus filhos, tem “as coisas do pai”, que se referem a suas etimologias, diversão à qual ele se dedica, mesmo diante da incredulidade dos filhos, que quase nunca as levam a sério. Ah, mas tem também “as coisas da mãe”: são frases ou comentários meus sobre algo que, não sendo sociologia, eles, os filhos, traduzem por “ela não tem ideia do que está dizendo”, ou “já falou sem pensar”. Seriam quase as “bobagens da mãe”. Mas dizem isto com tanto carinho, com tanto amor que, para mim, passaram a ser sinônimo de afetividade, cumplicidade, bem querer. Pois é, falo agora da família. Quatro filhos que me preenchem e inundam o coração de amor, orgulho e admiração. Serginho, André, Luiz Guilherme e Daniela, cada um a seu modo, com suas idiosincrasias, buscam suas realizações pessoais e profissionais. Por suas maneiras distintas de me dizerem “te amo”, realizam-me nesta condição e neste lugar da maternidade, da proteção. Não aquela que eu porventura tenha lhes dado, mas a que deles recebo. A cada dia cuidam de mim como se eles fossem “a mãe”, o que é lindo e me deixa sempre com a eterna sensação da dívida, com a certeza de que muitas vezes a profissão (ah meu deus) me afastou deles. O melhor de tudo: eles não me chegam e não estão sozinhos. Trazem companheiras: Mariza, Sandra, Adriana, e Daniela, o noivo Dudu. Com elas me identifico. Amo-as por suas vidas e trajetórias, existenciais e profissionais, mas também porque fazem meus filhos felizes. E trazem também os netos – Matheus, Bruno, Lucas e Amanda – muito queridos, que me policiam, junto com seus pais para que eu trabalhe menos. Nisto, aliás, fazem coro com minha irmã, Malu, que me ensina, com insistência, que existe vida útil fora da UnB. Para estes netos queridos, sonho que consigam se fazer uma vida feliz, neste mundo de incertezas. De outros muito queridos, que já se foram, sinto a presença ausente de meus pais, Luiz e Stela e de Graça, irmã gêmea e também socióloga. Em homenagem a ela, uma das músicas tocadas hoje. Sua filha, Gabriela, minha sobrinha-filha,

como nos tratamos, veio de Buenos Aires para dividir conosco este momento especial – também estão aqui, nesta distribuição de afetos, meus sobrinhos Juliana, Fábio e Eduardo, filhos de Malu e José Manoel, e Raquel, filha de Ana Maria, irmã de Sérgio.

Sinto que preciso encerrar esta fala, um depoimento, quase. Nada melhor para fazê-lo do que deste lugar do afeto, no qual me sinto acolhida, cercada, protegida. Fora dele permanece o desconforto, difícil mas necessário, da busca. Lugar que me remete às Minas Gerais, à cata por identidade, pelas origens, onde vou, com Milton Nascimento, em outra das músicas desta cerimônia, “abrir o peito à força numa procura”, encontrar-me e me desencontrar como caçadora de mim, num movimento no qual se achar e se perder é parte de um só processo que acaba por misturar de modo intrincado vida e profissão, que me faz levar os paradoxos às últimas consequências. Por temer e detestar conflitos, fui estudar violência. Mesmo refém de uma mineiridade retraída, silenciosa e introspectiva vou, no entanto, à loquacidade extrema ao defender princípios que acredito inegociáveis. Como caçadora de mim, posso atingir o paroxismo na cata por identidade. Ser caçador de si é se perder e se achar, é equilibrar encontros e desencontros e, acompanhando os versos da canção, dizer: “por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim, doce ou atroz, manso ou feroz, eu caçador de mim. Nada a temer senão o correr da luta, nada a fazer, senão esquecer o medo. Abrir o peito à força numa procura, fugir às armadilhas da mata escura... vou descobrir o que me faz sentir eu caçador de mim”. Versos que significam continuar sempre, buscar, tudo e nada. Se soubermos procurar, a mata escura nos oferece a esperança dos grandes clarões, plenamente iluminados. Vamos persegui-los.

Antes de encerrar, meus agradecimentos a todos os presentes a esta cerimônia, parentes e amigos, que compartilharam comigo este momento tão significativo.

Muito obrigada.

Brasília, 9 de novembro de 2017.

